

ALGUMAS EVOCAÇÕES DA MINHA VIDA

Por Manuel Filipe*

Nasci no Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, em 23-5-12, filho de Adriano da Conceição Filipe e de Rosalina Neto, modestos lavradores.

Aos dois anos de idade, fui levado para Soza (Vagos), para casa de uns tios que estiveram 15 anos sem ter filhos. Aí fui educado, numa família tradicionalmente católica, aí frequentei a escola primária e fiz o exame de admissão ao liceu. Em 1923, matriculei-me no Liceu de José Estevão, em Aveiro, que frequentei até 1930 (7º ano de Letras). Aí tive excelentes professores. Recordo, com saudade, alguns: dr. José Pereira Tavares (reitor e professor de Português); dr. Álvaro Sampaio (que mais tarde foi presidente da Câmara Municipal de Aveiro); dr. Assis Maia e dr. Martins de Carvalho (professores de História). Por alturas do 5º ano, comecei a publicar umas "coisitas" num jornal da academia desse tempo: "Alma Académica". Cedo comecei a ter o "vício" de ler. Dentro do meu magro "orçamento", comecei a comprar alguns

livros (e lembro-me que, nesse tempo, um bom romance custava dez escudos!...), e recorria à Biblioteca do liceu. Li muito. Talvez até com prejuízo dos livros escolares... Mas dessas leituras (a maior parte boas) muita coisa ficou: o gosto pela Língua — a Pátria de Fernando Pessoa — hoje, infelizmente, tão maltratada por alguns!...

Feito o 7º ano, matriculei-me na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde fiz o 2º ano. Mas, depois, por razões académicas (greve contra o reitor Fezas Vital), mudei para a Faculdade de Letras.

A vida académica coimbrã teve grande influência sobre mim. Era, nessa altura (anos 30), politicamente agitada e culturalmente brilhante. Foi a época das revoluções do Porto e da Madeira contra a ditadura salazarista. Assisti a algumas cargas de cavalaria da G.N.R. comandadas pelo "célebre" tenente Sachetti, de Aveiro, contra manifestações de rua, na Baixa coimbrã. Foi também a época do aparecimento do Nacional - Sindicalismo do Rolão Preto (os "camisas azuis"), que não chegaram a entrar na cidade por ordem do governador civil.

Fiz parte da última Direcção do Centro Republicano Académico, na Rua do Quebra-Costas, juntamente com Fernando Lopes Graça, António Marinho Dias e outros, o qual acabou por ser assaltado e destruído pela PIDE. Mas ninguém foi preso! Frequentei a tertúlia da "Central", onde convivi com o poeta Afonso Duarte (de Eiras, arredores de Coimbra), com José Régio e Adolfo Casais Monteiro, que vieram da Facul-

dade de Letras do Porto, com João Gaspar Simões e outros elementos do grupo da "Presença". Frequentei também a tertúlia da "Brasileira", onde se reuniam Paulo Quintela, Miguel Torga e Joaquim Namorado, de quem fui amigo.

Foi uma época de grande dinamismo cultural e artístico. Quase todos os meses saía um livro ou havia uma exposição. Eu e mais três amigos resolvemos iniciar a publicação de uma série de livros, de variada colaboração, a que demos o nome de "Cadernos da Juventude". Saiu o 1º volume, composto e impresso numa tipografia da Lousã, onde publiquei um ensaio sobre a Cultura Portuguesa. Mas logo o livro foi apreendido pela PIDE. Infelizmente, não consegui salvar nenhum exemplar. Há tempos, fui procurado pelo Director da Biblioteca Municipal de Coimbra, que me informou ter lá encontrado um exemplar e me pediu algumas informações, pois disse-me que tencionava publicar um estudo sobre esses "Cadernos". Mas, até hoje, nada mais sei sobre o assunto.

Nessa época, fui amigo íntimo de Fernando Namora. Dele tenho as mais gratas recordações. Ainda no começo da sua carreira literária, quando tencionava publicar qualquer coisa, o Fernando mostrava-me primeiro o original, para eu lhe dar a minha opinião. Mal eu pensava então que estava ali o notável romancista que ele mais tarde foi, que tudo e todos ultrapassou! Dele tenho alguns poemas inéditos, que guardo como uma relíquia.

Conheci e correspondi-me com personalidades tão dis-

pares como António Sérgio, Mestre de uma geração e autor dos "Ensaio"; Alfredo Pimenta, monárquico, autor de uma "História de Portugal" que foi aprovada como "livro único" para o liceu; e o poeta Pedro Homem de Mello, quase nosso conterrâneo.

Deles tenho, como recordação, algumas interessantes cartas.

Foi também por esta altura que comecei a minha actividade jornalística. Fiz parte da Redacção do "Beira-Mar", um semanário de Ílhavo, de que era director Jaime de Oliveira, tipógrafo e artista de xilogravura da escola de João Carlos Celestino Gomes, juntamente com Simões Guerra, filho de Jacinto dos Louros, de Bustos. Também colaborei em vários jornais e revistas: no "Sol Nascente" e no semanário "Liberdade", do Porto; na "Seara Noya", de António Sérgio e Raúl Proença; no semanário "O Diabo" (1ª série), de Artur Inês (seu primeiro Director), de Ferreira de Castro, de Rodrigues Lapa e outros; nos semanários "Gazeta do Sul" e "A Ideia", do Montijo; etc, etc.

Fui colaborador do "Jornal da Bairrada" desde o 1º nº (17-2-51) e, depois, seu Chefe de Redacção. Nesta qualidade, fui em 1973, a Angola, integrado na caravana dos representantes da Imprensa Regional que visitaram aquela antiga colónia portuguesa.

Veio o "25 de Abril de 1974"

* Texto escrito a pedido do coordenador de "Terra Verde"

TERRA VERDE
Suplemento mensal
do "Jornal da Bairrada"

Suplemento mensal
do "Jornal da Bairrada"

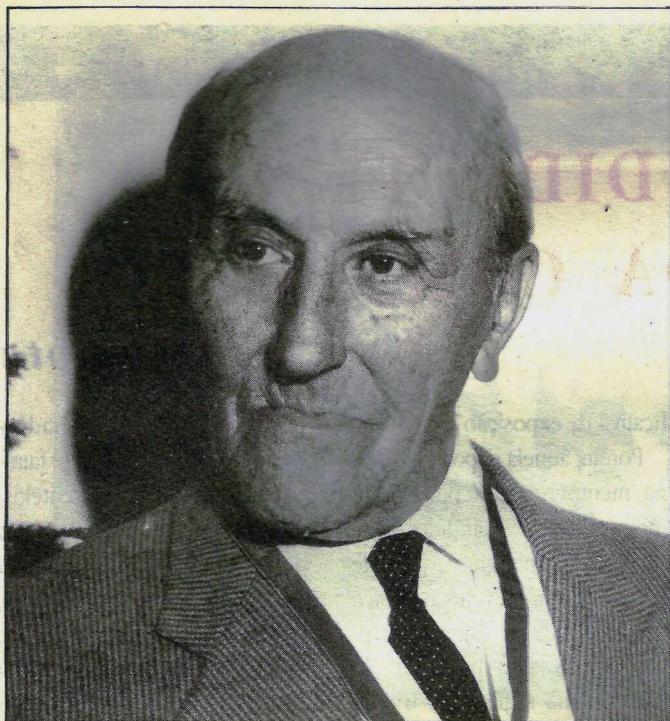
Nº 15 — 3 de Julho de 1992

Coordenador:
Arsénio Mota

Endereço:
Rua da Picada — BUSTOS
3770 Oliveira do Bairro

ou:
Rua do Zaire, 10 - 3º Dto.
4200 Porto

ALGUMAS EVOCAÇÕES DA MINHA VIDA



Na entrega da Medalha de Ouro de Mérito Municipal, em 20-7-88

e a época agitada do "Gonçalvismo". O jornal foi suspenso por três meses e obrigado a pagar uma multa de trinta contos. Foram dias maus, muito maus mesmo, para o jornal e para mim. Cheguei a ser ameaçado, por telefonemas anónimos, com o lançamento de uma bomba na minha casa, com inscrições insultuosas nas paredes e no asfalto da rua, etc, etc.

Esta dramática situação só terminou com o "25 de Novembro". O jornal esteve quase a acabar, como aconteceu com muitos nessa altura.

Mas não. Não só sobreviveu, como aumentou a sua expansão. Houve pedidos de assinatura de diversos pontos do País e ofertas de auxílio.

Relembrando essa fase difícil do jornal, por ocasião da comemoração do seu 37º aniversário (20-2-88), foi-me prestada uma singela mas significativa homenagem.

Hoje, com a necessária remodelação administrativa e redactorial e com a sua nova

sede, estou apenas ligado ao "J.B." por laços de grande amizade e, enquanto puder, com a secção dos "Nossos Emigrantes".

Depois de fazer o 2º ano de Direito e de ter mudado para a Faculdade de Letras, como aluno voluntário, por razões de ordem económica, tive necessidade de trabalhar. Comecei por ser professor do antigo Colégio de Oiã, do prof. Anacleto. Aí leccionei vários anos. Por aí passou uma geração de jovens que, se não fosse esse Colégio, ali tão perto, e dadas as dificuldades económicas da época, alguns talvez não fossem o que hoje são: médicos, advogados, magistrados, engenheiros, professores, autarcas, etc.

Fui depois também professor dos colégios Grão Vasco, de Nelas, e D. Pedro V, em Aveiro; e (dois anos) na antiga Escola Comercial e Industrial de Águeda.

Entretanto, depois de várias

interrupções (devido a questões familiares ou por causa de excesso de serviço), concluí, finalmente a licenciatura em Românicas. Mais tarde, para aperfeiçoamento da conversação francesa, tirei o 4º ano da "Alliance Française", de Coimbra.

Além da actividade docente, dediquei-me também a outras actividades culturais, especialmente ao Teatro. Criou-se no Troviscal um Grupo Cénico e eu escrevi e ensaiei duas revistas regionais, "Coração da Bairrada" e "Rapsódia Portuguesa", e uma revista infantil, "Bonecos Animados", interpretada pelas crianças das escolas do Troviscal.

Estas revistas tinham música original de Leonildo Rosa, grande amigo e grande maestro.

Presentemente, alguns números dessas revistas estão a ser "ressuscitados" pelo Grupo Cultural do Troviscal, sob a orientação da minha sobrinha, drª Rosalina e do seu marido, dr. Silas Granjo.

Depois de fixar residência em Oliveira do Bairro, onde casei, o Grupo Juventude Oliveirense, agregado ao Orfeão, levou à cena, sob a minha orientação, algumas peças interessantes, entre as quais lembro: "Três Gerações", de Ramada Curto, e "Mater Dolorosa", de Júlio Dantas.

Antes do "25 de Abril", fui provedor da Misericórdia de Oliveira do Bairro.

Voltando ao Colégio de Oiã. Constituída uma sociedade com mais três amigos, comprámos o alvará do Colégio ao profes-

sor Anacleto e transferimo-lo para Oliveira do Bairro. Passados alguns anos, a mesma sociedade construiu o Colégio de Bustos (Externato Gil Vicente), onde também fui professor.

Depois, constituída uma nova sociedade (anónima), surgiu a ideia de construir um colégio novo: o Colégio do Infante, no Vale do Mouro. Para isso, foi necessário vender o Colégio de Bustos aos Padres Redentoristas, de Vila Nova de Gaia, que, depois, o venderam à Obra do Frei Gil, hoje Instituto de Promoção Social da Bairrada.

Em 1975, o Colégio do Infante foi comprado pelo Estado e hoje é a Escola Secundária de Oliveira do Bairro.

Após o "25 de Abril", devido à idade e por já não me adaptar aos "novos métodos" de Ensino, reformei-me com uma "reforma de miséria", pois não me contaram todos os anos de serviço!

Foram cerca de 45 anos dedicados ao Ensino e à Cultura. Pode dizer-se que fui um dos precursores de Ensino Secundário no concelho de Oliveira do Bairro. Foi talvez por isso que a Assembleia Municipal, por proposta do Presidente da Câmara, Alípio da Assunção Sol, deliberou por unanimidade atribuir-me a Medalha de Ouro de Mérito Municipal.

A entrega dessa Medalha teve lugar no dia 20-7-88 (abertura da FIACOB/88), pelo ministro dr. Marques Mendes.

Hoje, viúvo, vivo com uma filha, também professora do Ensino Secundário.

Foi a melhor "dádiva" que Deus me poderia ter dado, pois é ela que cuida de mim, na minha velhice.